

GOUVEIA, Ana Paula Martins. Pessoa e Personagem: O Treinamento da Mente como Base Comum do se Estar e se Criar no Mundo. Universidade de São Paulo; pós-doutoranda. ESAP (Escola Superior Artística do Porto - Portugal); Professora. Pesquisadora, professora e diretora de teatro e cinema

RESUMO:

Esta breve apresentação pretende investigar a ligação ontológica entre os processos momentâneos de aparente continuidade perceptiva responsáveis pela construção do “eu”, e a criação das personagens por parte do ator. Para tal elaboração será utilizada a filosofia budhista, particularmente a percepção de pessoa tal qual apresentada no contexto indo-tibetano, e a relação desta com a noção de personagem. Por tais vias, pretende-se demonstrar que há uma ligação entre a construção da nossa percepção de nós mesmos enquanto pessoas e a criação de uma personagem pelo ator e que, através do treinamento da mente, ambas podem ser transformadas, i.e., pode haver uma transformação tanto no que concerne o entendimento que temos sobre nós mesmos, quanto sobre o nosso potencial, as nossas intenções e as nossas intensões em relação ao processo de criação das personagens. Concluindo-se então que, na maior parte dos casos, as nossas aceções sobre o que somos enquanto pessoas e aquilo de um ator acredita ser enquanto personagem são instâncias similares, que se abraçam em um berço comum e são passíveis de serem transformadas a partir do treinamento da mente.

PALAVRAS-CHAVE: Personagem; Ator; Pessoa; Treinamento; Filosofia.

ABSTRACT:

This brief presentation will investigate the connection between the ontological momentary processes of apparent perceptual continuity responsible for the construction of the "self" and the characters created by an actor. To be able to elaborate on this, we have utilized the perspective coming from the Buddhist philosophy, particularly the perception of person as it appears in the context of Indo-Tibetan Mahayana approaches, and its relation to the fictional character. By such means, we intend to demonstrate that there is a link between the construction of our perception of ourselves as individuals and the creation of a character by the actor and, by training the mind, both can be transformed, i.e., there may be a transformation both in regard to the understanding that we have about ourselves and in regard to our potential, our intentions and our intensions in relation to the process of creating characters. To conclude that, in most cases, our acceptations about what we are as a person and what an actor believes to be as a character is similar in many instances, they embrace each other in a common cradle and are capable of being transformed through mind training.

KEYWORDS: Character; Actor; Person; Mind Training; Philosophy.

Introdução:

Esta breve reflexão sobre a noção de pessoa e personagem será feita de forma bastante livre, mais como uma conversa, do que como um “tratado” científico. Dois fatos me levaram a decidir elaborar o texto desta forma; em primeiro lugar a possibilidade de escrevê-lo após a reunião científica, em segundo, o fato de o foco principal de encontro ter sido justamente a mudança de formato seja da ABRACE, seja dos GTs. Levando estes dois aspectos em consideração, decidi que seria também mais adequado, neste momento, trabalhar desta forma, uma maneira de explicitar que os encontros são suficientemente significativos para transformar as coisas, basta estarmos abertos para isso.

Ciro Marcondes filho, ao propor o que foi inicialmente chamado de nova teoria da comunicação, afirma que as teorias da comunicação, até então, se preocuparam muito em como a comunicação se dá através dos meios e das relações, mas não efetivamente sobre o aspecto comunicacional, o acontecimento comunicacional, onde algo realmente é comunicado e capaz de transformar a nós e aos outros, esta transformação é efetivamente a comunicação, e não somente as suas formas de transmissão. Não há espaço para me alongar aqui mas, de acordo com esta teoria, existem três níveis diferentes para o estudo da comunicação, o primeiro seria a sinalização, que tem efeito meramente emissor, havendo ou não uma resposta; o nível da informação, que tem caráter aditivo, ou mesmo confirmativo, sobre um assunto ou algo que já temos um conhecimento prévio; e o terceiro nível, que finalmente poderia ser chamado de comunicação, onde algo se transforma em alguém, onde não nos mantemos iguais antes e depois daquele acontecimento, seja ele qual for, uma conversa, uma obra de arte, uma apresentação teatral, uma reunião científica, algo mudou em nós, saímos alterados. É justamente este último nível de efetiva comunicação, onde saímos alterados (as) que gostaria de deixar relatado aqui, através do discurso.

Tivemos a participação de dois convidados internacionais para as conferências, o filósofo José Gil, e a Professora Patrícia Cardona. De forma distintas, ambos se referiram aos processos mentais como “responsáveis” pelo ato criador. Sem entrar aqui no mérito específico de cada um dos trabalhos, os quais, como me parece evidente, foram avaliados de forma mais positiva ou negativa de acordo com cada um dos participantes, o que de fato me chama a atenção é justamente o interesse geral por uma questão que abarca não só a nós artistas e pesquisadores, mas a todos os seres humanos. A mente. O que é mente?

Antônio Damásio diz “e o cérebro criou o homem” e se indaga: “Como o cérebro faz a mente?”(Damásio, 2009. p. 18). Mas os budistas, que se indagam sobre a natureza da mente há mais de 2.500 anos fazem a pergunta de maneira exatamente oposta, eles se perguntam e apresentam respostas, para a seguinte indagação: “Como a mente criou o cérebro?”. E é sobre esta perspectiva que falarei aqui.

O Conceito de Pessoa:

Para dar início a tal percurso, se torna fundamental esclarecermos qual é o conceito de pessoas dentro deste contexto. A noção de pessoa, ou de nós mesmos, como um todo, de alguma forma contínuo, que se movimenta, age, tem um corpo, se emociona, elabora pensamentos e assim por diante, por mais que tenha, em termos das nossas experiências, uma certa realidade percebida, ou uma perspectiva de realidade que pode ser vivenciada em sua relatividade, é bastante diferente da noção de realidade última, não conceitual e não dualística, e portanto indescritível, da verdadeira natureza do fenômeno, isto é, as coisas tal qual elas são, “de nyid” em tibetano, dentro da perspectiva budhista.

De acordo com tal perspectiva, muito embora o próprio entendimento do que se compreende por pessoa seja, em si mesmo, além dos conceitos, para que se possa tentar esclarecer a que estamos a nos referir, se torna necessário, em um primeiro estágio, o processo descritivo. Neste primeiro momento, poderíamos descrever “pessoa” como uma imputação conceitual baseada em um continuum de constantes transformações dos processos psicofísicos. A noção de pessoa seria a de um continuum de fenômenos mentais e físicos condicionados sem uma essência subjacente, desprovida de um “eu”, ou “self” (EDELGLASS, 2009. p. 261-369). Este continuum é dependente dos agregados (sânscrito: skandhas), que se dividem em cinco categorias: forma material, sentimentos, percepção, forças volitivas e consciência. A pessoa é então considerada como sendo uma corrente de processos que são interdependentes uns com os outros e também com outros fenômenos. Dentro de tal abordagem, se faz necessário o abandono da noção de um “eu” real, que a primeira vista poderia ser entendido como uma essência imutável, independente das causas e condições que o levam a ser percebido como tal, e a adoção da noção de condicionalidade e dos aspectos composicionais da pessoa, ou do “eu”. Para entender melhor este conceito, se faz necessário penetrar mais a fundo neste universo aparentemente tão abstrato de um “eu” condicionado e dependente.

O Conceito de Não-Essência:

O termo sânscrito védico atman (BUSWELL, 2004. p. 18-20), literalmente significa “respiração” ou “espírito”, e é muitas vezes traduzido como “eu”, “ego”, ou “alma”. Etimologicamente, anatman consiste de um prefixo de negação mais atman (isto é, sem atman) e é traduzido como “não-eu”, “não-alma”, ou “não-ego”. Estes dois termos têm sido empregados na escrita religiosa e filosófica da Índia como uma referência a um substrato essencial dos seres humanos. A idéia de atman foi totalmente desenvolvida pelos pensadores Upanissades e Vedânticos que sugerem que há na personalidade de cada ser um “algo” que é permanente, imutável, onipotente e inteligente, um atman que é desprovido de sofrimento e que deixa o corpo no momento da morte. O Upanissade Chandogya, por exemplo, afirma que o atman não passa por estados de decadência, morte ou sofrimento. Da mesma forma, o Bhagavadgita chama o atman de “eterno”, “não-nascido”, “imortal”, “imutável”, “primordial” e “omnipenetrante”. Alguns Upanissades sustentam que o atman pode ser separado do corpo, assim como

uma espada pode ser separada de sua bainha, e que pode viajar à vontade, longe do corpo, especialmente durante o sono. Mas o buddhismo afirma que, uma vez que tudo é condicionado e, portanto, sujeito a anitya (impermanência), a questão do atman como uma entidade auto-subsistente não pode ser considerada como verdadeira. No Buddhismo se coloca que tudo o que é impermanente é inevitavelmente dukkha (sofrimento) e não pode constituir um “eu-último” e permanente.

Segundo o buddhismo (PÉREZ-REMÓN, 1980), os seres e objetos inanimados do mundo são construídos (samskrta), e distintos do nirvana que é “não-constituído” (asamskrta). Como apontado anteriormente, aquilo que identificamos como “eu” é composto dos cinco skandhas ou blocos de constituição da existência: o corpo físico (rupa), as sensações físicas (vedana), as percepções sensoriais (samjña), as tendências do hábito – volição – (samskara), e a consciência (vijñana). Os quatro últimos desses skandhas são também conhecidos coletivamente como nãma (nome), o que denota os constituintes não-materiais ou mentais do ser. Rupa representa a materialidade em si, e objetos inanimados estão, portanto, incluídos no termo rupa. Um ser vivo sendo composto pelos cinco skandhas está em um estado contínuo de fluxo, cada grupo precedente de skandhas dá origem a um grupo subsequente de skandhas. Este processo acontece momentaneamente e incessantemente na existência atual assim como continuará também no futuro até a erradicação da avidya (ignorância) e a realização do nirvana. Assim, a análise budhista da natureza dos seres centra-se na constatação de que o que parece ser um indivíduo é, de fato, uma continua transformação da combinação dos cinco agregados. Estes agregados se combinam de várias maneiras para formar o que é experienciado como pessoa. Assim, o que nós experimentamos não é uma entidade, mas um processo, não há ser humano, só há o tornar-se. Quando perguntado quem é que tem sentimentos e sensações na ausência de um “eu”, Buddha responde que esta é uma questão mal formulada: A questão não é “quem sente”, mas sim “sob que condições o sentimento ocorre?”. E a resposta é contato, demonstrando novamente a natureza condicionada de toda a experiência e a ausência de qualquer substrato permanente do ser.

Na ausência de um atman, pode-se perguntar como o buddhismo lida com a questão da existência dos seres humanos, sua identidade, continuidade e, por fim, os seus objetivos. Ao nível da “verdade convencional” (samvrtisatya), o buddhismo aceita que no transitório mundo cotidiano, os seres humanos podem ser chamados e reconhecidos como pessoas mais ou menos estáveis. Todavia, ao nível da “verdade última” (paramarthasatya), essa unidade e estabilidade de pessoa é apenas uma construção baseada nos sentidos, produto da nossa imaginação. O que Buddha encorajou não é a aniquilação do sentimento de “eu”, mas a eliminação da crença em um “eu” que seja permanente e eterno. Assim, o ser humano no buddhismo é uma criatura “concreta”, viva, empenhada e sua personalidade é algo que muda, evolui e cresce. É o humano “concreto” – não o “eu” transcendental – que finalmente alcança a perfeição pelo esforço constante e vontade criativa. Posto isso, podemos então penetrar no universo da memória.

Rapidíssimas observações finais:

Muito embora, em um brevíssimo texto como este, não seja possível elaborar algo da dimensão que o título do trabalho apresenta - “Pessoa e Personagem: O Treinamento da Mente como Base Comum do se Estar e se Criar no Mundo” -, a exposição de dois conceitos fundamentais (pessoa e não-essência) apresentados acima, parece nos dar alguns indícios de por que trilhos queremos caminhar. Ao refletirmos sobre o conceito de pessoa como um processo de movimento constantemente, um fluir, não contínuo, interdependente e, em certo sentido, fantasmagórico, a noção de personagem, ou melhor, o distanciamento entre o que se acredita ser uma personagem e o que se acredita ser uma pessoa se torna muito relativo. Ambos são produtos de uma fabricação mental em movimento. Assim sendo, o mesmo processo utilizado para a criação de nós mesmos - processo sob o qual não temos o menor controle, simplesmente aceitamos sem nos questionar que somos seres de certa forma “concretos”, “contínuos”, que acorda todas as manhãs, lava o rosto, beija os seres amados, e vai para o trabalho, ou qualquer que seja a rotina de cada um - pode ser utilizado para a construção de uma personagem, através de um treinamento constante da mente e do entendimento fundamental da natureza de nós mesmos e dos fenômenos. Neste contexto, as fronteiras entre pessoa e personagem são muito tênues, para não dizer, inexistentes.

E é por isso que se propõe aqui que, a partir de de tal perspectiva, se possa estimular um certo abalo da nossa forma de pensar, capaz de nos tirar de uma zona de conforto e colocar o nosso próprio “estar no mundo” em cheque. Mas sem esquecer que, apesar da relatividade de todas as coisas, tal qual apontada ao estabelecermos um entendimento da não continuidade do ser, é preciso atuar e se engajar para que a própria compreensão e o processo transformativo se torne possível, não só a nível intelectual, mas também em nossa própria experiência.

Referências Bibliográficas:

BUSWELL, Robert E. (editor-chefe). Encyclopedia of Buddhism. New York: Macmillan Reference USA, 2004. Sarao. K. T. S., Anatman/Atman (No-self/Self).

DAMÁSIO, António R. E o Cérebro Criou a Mente. São Paulo: Cia das Letras, 2009. Tradução: Laura Teixeira Motta.

DERRIDA, Jacques. Enlouquecer o Subjetil. São Paulo: Editora UNESP, 1998. Tradução: Lena Bergstein.

EDELGLASS, William e GARFIELD, Jay L. (editores). Buddhist Philosophy. Essential Readings. New York: Oxford University Press, 2009.

GYATSO, Janet (editora). In the Mirror of Memory. New York: State University of New York Press, 1992.

MURTI, T. R. V. The Central Philosophy of Buddhism: A Study of the Madhyamika System. 2nd edition. London: Allen and Unwin, 1960.

PÉREZ-REMÓN, Joaquín. Self and Non-Self in Early Buddhism. The Hague, Holanda: Mouton, 1980.

ROSENFELD, Anatol. Texto/Contexto. São Paulo: Perspectiva. 1969.